

COMO
FAZIAMOS
SEM
...

AVENTURAS NA
HISTÓRIA

COMO FAZÍAMOS SEM

• • •

por

Bárbara Soalheiro

ilustrações

Negreiros

15ª impressão



© Aventuras na História

Diretor editorial
Marcelo Duarte

Capa, projeto gráfico e edição de imagens
Juliana Vidigal

Diretora comercial
Path Pachas

Imagens
Abril Dedoc

Diretora de projetos especiais
Tatiana Fulas

Revisão
Cristiane Goulart
Luicy Caetano de Oliveira

Coordenadora editorial
Vanessa Sayuri Sawada

Alexandra Costa da Fonseca

Assistente editorial
Olívia Tavares

CIP – BRASIL. CATALOGAÇÃO NA FONTE
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

Soalheiro, Bárbara.
Como fazíamos sem... / Bárbara Soalheiro. – 1. ed. – São Paulo:
Panda Books, 2006. 144 pp.

ISBN: 978-85-7695-028-8

1. Usos e costumes. 2. Curiosidades e maravilhas.

05-4038

CDD: 390
CDU: 39

2018

Todos os direitos reservados à Panda Books.

Um selo da Editora Original Ltda.

Rua Henrique Schaumann, 286, cj. 41

05413-010 – São Paulo – SP

Tel./Fax: (11) 3088-8444

edoriginal@pandabooks.com.br

www.pandabooks.com.br

Visite nosso Facebook, Instagram e Twitter.

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a prévia autorização da Editora Original Ltda. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

Para Tomás.

Porque até dá para viver sem facas, fósforos, avião ou telefone.

Mas sem abraços apertados seria impossível.

<i>Apresentação</i>	8
---------------------------	---

ALIMENTAÇÃO



<i>Água limpa</i>	14
<i>Fósforos</i>	18
<i>Geladeira</i>	22
<i>Talheres</i>	26

COMUNICAÇÃO



<i>Avião</i>	32
<i>Correio</i>	36
<i>Internet</i>	40
<i>Telefone</i>	44
<i>Televisão</i>	48

HABITAÇÃO



<i>Elevador</i>	54
<i>Móveis</i>	58
<i>Vaso sanitário</i>	62
<i>Ventilador e Calefação</i>	66

ROUPAS E ACESSÓRIOS



<i>Cuecas e Calcinhas</i>	72
<i>Ferro elétrico</i>	76
<i>Máquina de costura</i>	80
<i>Óculos</i>	84
<i>Sabão e Máquina de lavar</i>	88

SAÚDE E HIGIENE



<i>Anestesia</i>	94
<i>Banho</i>	98
<i>Escova de dentes</i>	102
<i>Papel higiênico</i>	106
<i>Remédios</i>	110

SOCIEDADE



<i>Cemitério</i>	116
<i>Dinheiro</i>	120
<i>Divórcio</i>	124
<i>Energia elétrica</i>	128
<i>Escola</i>	132
<i>Relógio</i>	136
<i>Sobrenome</i>	140

<i>Bibliografia</i>	144
---------------------------	-----

AH, ESSA DELICIOSA CULTURA INÚTIL!

QU E M é que não adora armazenar curiosidades que, se não são úteis para aumentar nossos salários, são tão indispensáveis quanto as piadas na hora daqueles bate-papos com os amigos. Sabe a hora que falta assunto e pinta um silêncio no meio da conversa ou aqueles dez segundos em que ninguém manda mensagem no MSN e parece que acabou o assunto?

Aí vem algum engraçadinho com a “última” piada que você já ouviu há vinte anos. E, se você é daqueles que não consegue sacudir a plateia às gargalhadas, esse é o momento de sacar do bolso da memória alguma curiosidade histórica que funciona bem mais do que a melhor das anedotas.

Exemplo: logo que o gaiato acaba de contar aquela dos presidentes dos Estados Unidos, da França e do Brasil reunidos num avião em perigo, você espera as risadas diminuírem e ataca:

– Vocês sabem por que aquele bicho saltador da Austrália se chama canguru?

O ambiente cai imediatamente num breve silêncio carregado de interrogações e mudos comentários do tipo “Como?”, “Que negócio é

esse de canguru numa hora dessas?” ou “Esse cara está viajando!”.

Deixe o silêncio transformar-se de surpresa em curiosidade e volte à carga:

– Logo atrás dos conquistadores ingleses da Austrália, vinha sempre um linguista tipo Professor Higgins para tentar compreender a língua nativa. Para isso, ele pegava um aborígene e saía com ele, apontando para plantas, objetos e animais, e perguntando (em mímica, é claro!): “Como é o nome disso aí?”. Foi o que aconteceu naquele continente distante: o inglês apontou para o animal saltitante e o aborígene respondeu “Cang-u-uru”. O linguista anotou aquele som em caracteres fonéticos no seu caderninho e assim o animal passou a chamar-se canguru...

Na pausa que se segue, os ouvintes ficam certos de que você está mesmo maluco e perguntam, meio na gozação:

– E daí?

– Daí que, mais tarde, quando a língua daquele povo australiano foi mais bem estudada, descobriu-se que o nativo havia dito: “Eu-não-sei!”.

Funciona, garanto a você que faz o maior efeito. Melhor do que piada. Quando, por exemplo, alguém perguntar as horas, você vem com esta, para adiar o fim da festa:

– Vocês sabem por que os ingleses são tão pontuais e os brasileiros chegam sempre atrasados? (Silêncio etc. e tal) Isso vem da invenção do relógio portátil, aquele cebolão que os homens carregavam no bolso do colete. Poder tornar-se dono do tempo foi uma revolução na Europa. Mas esses relógios custavam caro e muitos homens usavam somente uma vistosa corrente atravessada de um bolso ao outro do colete só para fazer todos pensarem que eles tinham dinheiro para comprar a cobiçada novidade. Amigos faziam até vaquinha para comprar um relógio em sociedade e cada um ficava de posse dele em dias combinados (Tá bom, hoje você sai com o relógio, mas no sábado sou eu, hein?). Na Inglaterra, logo a posse de um relógio tornou-se símbolo de *status*, de afluência, e passava a ser vergonhoso alguém não possuir um. Por isso, se um cavalheiro chegava adiantado ou atrasado a algum compromisso, era certo que os esnobes olhariam para ele com aquele ar de quem está pensando: “Hum... esse daí não passa de um pobretão... Nem tem relógio!”.

– E por que os brasileiros são atrasados?

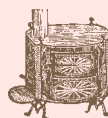
– Pela mesma razão. Por aqui e em todos os países católicos o tempo não podia ser controlado por ninguém; só pela Igreja. Assim, todo mundo só podia ficar sabendo a hora ao ouvir o toque dos sinos. E os ricos passaram então a atrasar-se propositadamente para todo mundo ficar sabendo que eles eram poderosos e livres do controle da Igreja. Atrasar-se era fazer todo mundo “esperar pela pessoa mais importante”. Por causa disso, nenhuma noiva que se preza chega na hora marcada para o casamento!

Inútil saber disso? Mas que inutilidade deliciosa! A Bárbara é ainda mais apaixonada por essas curiosidades do que eu: ela coleciona fanaticamente cada pequena explicação de almanaque, cada razão para alguma coisa ser isso ou aquilo, cada efeito que alguma nova invenção provocou na sociedade, cada pérola que, depois de ler este livro, você vai superar qualquer contador de piadas velhas. Eu, por exemplo, uso o meu estoque para embasbacar as minhas netinhas!

Ah, como eu adorei ficar sabendo por que são sempre mulheres as telefonistas e as operadoras de telemarketing, especialistas em gerundismo, que sempre nos dizem “vou estar passando o senhor para...” ou “quem deseja?”.

Você não sabe por que essa tarefa pertence sempre às mulheres? Então leia este livro!

Pedro Bandeira





ALIMENTAÇÃO

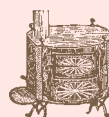
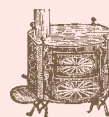
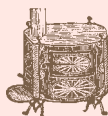


Água limpa

Fósforos

Geladeira

Talheres





COMO FAZÍAMOS SEM...

ÁGUA LIMPA

HO J E a coisa é simples. Você abre o filtro – ou a garrafinha de água mineral – e mata a sede à vontade. Mas, para nossos antepassados, água costumava ser um problemão: um pequeno gole podia levar à morte. Isso porque, no começo dos tempos, os únicos instrumentos que os homens tinham para determinar se a água estava boa ou não para o consumo eram o olho e o paladar. E parecia óbvio que água clara e sem sabores estranhos era sinônimo de água limpa. O problema é que muitos organismos nocivos ao ser humano não mudam nem a cor nem o gosto da água. E lá se iam alguns de nossos antepassados morrendo por causa da sede, ou melhor, da falta de sede.



Que tal tirar o sal da água do mar fazendo buracos na areia?



Uma solução foi substituir água por cerveja. Isso mesmo. Há mais ou menos oito mil anos – quando o homem ainda era nômade (ou seja, vivia vagando pelo mundo) e nem sempre encontrava água boa para beber –, alguém deixou alguns grãos de cevada ao relento e eles fermentaram naturalmente, por causa do contato com a umidade do ar. Algum corajoso experimentou o líquido que resultou da experiência acidental e percebeu que ele não provocava indigestão (afinal, o processo de fermentação impede a reprodução de bactérias).

Para não ter de passar o resto da história bêbado, o homem começou cedo a inventar sistemas de filtragem – alguns, aliás, bem parecidos com os que usamos hoje. Há registros mostrando que, em 2000 a.C., já se recomendava ferver a água ou fazê-la passar por um filtro de areia. Outras medidas, no entanto, não eram nada eficazes, como deixar a água no sol ou colocar um pedaço de ferro quente dentro do recipiente.

Na Grécia Antiga, a recomendação era beber água da chuva. Parece simples, né? Mas não era, não. Antes de poder molhar a garganta, os gregos costumavam ferver o líquido. Depois, usavam um pano limpo e o encharcava com a água. E só depois de



retorcer o pano é que bebiam o que saísse dele. Depois de tanto trabalho, aposto que qualquer água era bem-vinda para matar a sede.

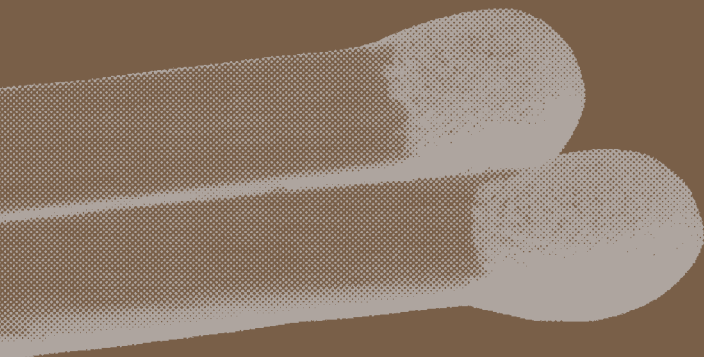
Mas o esforço dos gregos era fichinha perto do que sofreram os contemporâneos de Francis Bacon. Em 1627, o filósofo achava que era possível tirar o sal da água do mar fazendo buracos na areia. Pobre de quem experimentou. Nada dá mais sede do que um golinho de água salgada.

Quando finalmente alguém achava um rio ou nascente confiável, aparecia outro problema: transportar a água até as casas. Tinha quem decidisse ir morar perto da água, mas isso também podia significar problemas (como era difícil a vida de nossos antepassados, não?). Nos períodos de chuva, os rios podiam transbordar, alagando tudo em volta. A solução foi construir bombas que levavam água dos rios para poços próximos às vilas e cidades. Assim, era preciso ir até o poço toda vez que você tivesse sede. E, como todo mundo ia ao mesmo poço, o lugar se tornava uma espécie de ponto de encontro dos jovens – normalmente eles, por serem fortes, é que enchiam as vasilhas com água para a família. Muitos namoros e paqueras começavam ali, entre a subida e a descida do baldinho.



POÇO BRAVO!

Em 1854, um poço da rua Broad, na cidade de Soho, Inglaterra, fazia tanto sucesso que as pessoas vinham de outros bairros para pegar água ali, dizendo que o sabor era melhor. O que elas não sabiam é que o poço estava contaminado com o vibrião do cólera. Muita gente morreu até descobrirem a ligação entre a água e a doença, e o caso serviu de estopim para o país implantar os primeiros sistemas municipais de filtragem e distribuição de água.



COMO FAZÍAMOS SEM...

FÓSFOROS

QUANDO sua mãe pedir sua ajuda para descascar batatas ou cebola, obedeça. Se você tivesse nascido no século XIX, o pedido poderia ser muito pior. Ela com certeza ia querer que você ajudasse a acender o fogo.

Antes de os fósforos serem inventados, acender qualquer coisa dava um trabalho pré-histórico. Usávamos a mesma técnica que os homens das cavernas: duas pedras e bastante paciência. Era preciso também um bocado de material seco (palha, feltro ou outro retalho). Depois de muito tempo esfregando as pedras bem perto desse material, que servia de pavio, alguma faísca prendia-se a ele



Tudo começou com o xixi de um alemão.



e fazia fogo. Mais tarde, os homens perceberam que esfregando uma pedra a um pedaço de ferro, fazer fogo ficava um pouco mais fácil. Para evitar tanto esforço a solução mais prática era guardar pedaços de carvão acesos (se eles apagassem, alguém ia pedir um pouco na casa do vizinho).

Olhando hoje, é difícil de acreditar que a caixinha de fósforos seja uma invenção tão moderna. Mas é. Moderna e trabalhosa. Muitos cientistas, de várias nacionalidades, tiveram de dar duro para transformar o fogo em um simples gesto de fricção.

Tudo começou em 1669 com o químico alemão Henning Brand e seu xixi. Henning era obcecado pela ideia de transformar qualquer coisa em ouro e percebeu que a cor amarelada da urina era muito parecida com a do metal precioso. Se as cores são parecidas, ele pensou, as duas coisas também devem ser! Assim, Henning encheu um balde de xixi e deixou alguns dias guardado para ver se endurecia. Essa experiência nojenta resultou num líquido cheio de placas brancas, que Henning resolveu esquentar para ver o que acontecia. É claro que não encontrou ouro, mas acabou descobrindo um elemento químico sólido branco que pegava fogo em contato com o ar (na época, ninguém enten-

